

FICHA TÉCNICA

facebook.com/manuscritoeditora

© 2018

Direitos reservados para Letras & Diálogos,
uma empresa Editorial Presença,
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título original: *Lendas, mitos e ditos de Portugal*

Autor: *Hélder Reis*

Copyright © Hélder Reis, 2018

Copyright © Letras & Diálogos, 2018

Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*

Pesquisa de conteúdos: *Paula Gomes Magalhães*

Ilustrações: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Fotografia do autor: © Anabela Trindade

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

ISBN: 978-989-8871-39-8

Depósito legal n.º 438 077/18

1.ª edição, Lisboa, abril, 2018



Introdução	13
1. Ditos curiosos da nossa terra	15
Nunca mais acaba? Então a culpa é de Santa Engrácia!	17
Braga e o penico	18
Cascais nunca mais	19
É resvés Campo de Ourique	20
Abaixo de Braga	21
Mais velho do que a Sé de Braga	22
Mal por mal, antes Pombal	23
Passamos as passas do Algarve...	24
Credo da boca	25
Do tempo da Maria Cachucha	26
Para lá do Marão	26
Velhos do Restelo	28
À espera da noiva de Arraiolos	30
A ver passar navios	31
Dar às de vila-diogo	32
Água vai...	32
És de Braga?	33
No Alentejo, a fome vem de barco	34
2. Nomes de terras com muitas histórias	37
Uma terra de amor	39
Lumiar	40
Um nome nascido na fé	41
Lagoa do Negro	42
Um touro em Beja	43
Santas de Comba	44
Janeiro de Cima e Janeiro de Baixo	45
Uma pastora linda	45

Fritar ovos na Sertã	46
Um brasão com história	47
Uma terra que se confunde com um galo	48
A origem do nome Agarez	49
Algo és	50
Os corvos símbolos de Lisboa	51
A costa da capa	52
Torre de Dona Chama	54
3. Lendas que fazem a História de Portugal	57
O Sem-Pavor	59
Uma lenda sobre o Condestável	60
Um herói chamado Viriato	61
Um rei cheio de Esperança	62
Rosas ou pão	64
República do Couto Misto. Nunca ouviu falar?	65
Roupinho, o valente guerreiro	67
Lenda de D. Sebastião	68
A maldição da dinastia Bragança	69
Um padre visionário	70
Diogo Gil e a sua ermida	71
A história do Convento de Maфра	72
4. Lendas e mitos das nossas terras	75
Uma serra que quase toca nas estrelas	77
Um rei mouro agreste para as suas gentes	78
Uma praga de guardar memória	79
A lenda de S. Macário	80
A lenda de Machico	81
Trutas de ouro	82
Pedro do Sem... humildade	83
Um morro que afastou os franceses	84
Guimarães de duas caras	85
Maldição da Freixeda	86
A Ana do Átrio	87
O vinho de Boticas	88
A torre das cabaças em Santarém	89
O santo salteador	90
O Santo António da ilha Terceira	91
Agora o Santo António de Lisboa	92
A Senhora da Aparecida	93
Um sino para duas localidades	94
Um velho, um menino e um burro...	95

Lenda de Nossa Senhora do Cabo	96
Carvão que afinal era ouro!	98
Sabemos bem que quem tudo quer...	98
Padroeiro de Braga	99
Cabeça da velha	100
Uma cana que também era bengala	101
Um castelo misterioso	102
Um rio que guarda uma paixão	103
Amendoeiras em flor	104
Mulher brava do Minho	105
Um sítio de pouca sede	106
Ai o amor...	107
Numa noite de trovoadas...	108
A cidade das sete colinas	109
Santa Joana	110
Ai, Sintra	111
Os tesouros perdidos	112
Uma discussão entre três rios	113
Lenda de Belmonte	114
Comba sangrenta	115
A Senhora do Livramento	116
Um Dia de Reis especial	117
Lenda de Aljustrel	118
Dois montes para dois irmãos	119
Um precioso anel	120
Monsanto e a bezerra	120
Uma ilha cheia de segredos	122
Em defesa da Barra	123
Por terras de Bobadela	124
Boca do Inferno	125
Uma terra de pestes e epidemias	127
O rio do esquecimento	128
Ponte da Mizarela, do diabo nascida	129
A lenda do rio Neiva	130
O tesouro guardado na fonte	131
Terra de fenómenos	132
Santa Sofia	133
Lenda de Pinela	134
5. Lendas e mitos dos campos de batalha	135
Batalha de Ourique	137
Melgaço	138
As Invasões Francesas e o nevoeiro	139

Guerra da Patuleia	141
Guerra das Laranjas	142
Castanheiro do amor	143
Conquista do Castelo de Leiria	145
A padeira de Aljubarrota	146
Afinal foi a água e não a padeira	147
Batalha de Alvalade	148
Em luta contra Castela	150
Uma batalha de amor	151
Os mitos em volta da Batalha de São Mamede	152
6. À mesa com pratos recheados de História e histórias	155
Ovos-moles	157
Fogaça de Santa Maria da Feira	158
Alheira	159
Bolo de mel	160
Bolo-rei	161
Folar	162
Sopa do Espírito Santo	164
Palha de Abrantes	165
Marmelada de Odivelas	165
À Gomes de Sá	167
Chá	168
Pão de ló	169
Cavacas	170
Uma massa vinda dos céus	171
Sopa da pedra	172
O pudim do abade mais famoso de Portugal	173
Pastel de Chaves	174
Um cozido nacional	175
Caldeirada de mar	176
Rabanadas	177
Aletria	178
Erva-doce	179
Francesinha	181
Tremoços	182
Agradecimentos	183
Bibliografia	185
Alguns <i>sites</i> consultados	187

NUNCA MAIS ACABA? ENTÃO A CULPA É DE SANTA ENGRÁCIA!

Todos nós já usámos as obras de Santa Engrácia para referir algo que nunca mais acaba. Reza a lenda que Simão Pires, cristão-novo, era apaixonado pela noviça Violante. A jovem entregara-se à religião por vontade do pai, e não sua. Daí que Simão ia vê-la ao Convento de Santa Clara. Num desses dias de visita e de alimento do amor, Simão pediu a Violante que fugisse com ele, e deu-lhe até ao dia seguinte para que se decidisse. Ora, no dia seguinte, Simão foi detido pelos homens do rei e acusado de ter roubado as relíquias da Igreja de Santa Engrácia, que ficava perto do Convento de Santa Clara. Para não denunciar o seu amor por Violante, o jovem apaixonado não revelou por que razão havia estado no local, motivo que levantava suspeitas sobre si mesmo. O certo é que foi condenado à morte na fogueira, e esta seria ateadada em frente da Igreja de Santa Engrácia, que estava em estado avançado de obras. Quando as labaredas tocaram no corpo de Simão Pires, este gritou que era tão certa a sua inocência como as obras da igreja nunca acabarem. Violante ficou amargurada e só. Passados muitos anos deste triste sucedido, eis que o verdadeiro culpado pede para ver Violante e lhe confessa que havia sido ele quem roubara as relíquias de Santa Engrácia e que acusara injustamente Simão Pires.

O certo é que as obras da igreja ainda não haviam terminado, e terá sido esse o motivo para que se chamem estas obras a todas as que estão longe de estarem findadas.

A Igreja de Santa Engrácia é hoje o nosso Panteão Nacional!



BRAGA E O PENICO

O Minho é verde porque a água é abundante. Visitar o Minho é mergulhar numa abundância da natureza: rios faustosos, um mar provocante e dias de chuva que nos fazem recolher. A verdade é que os dias de luz e de aperto de calor também abundam; enfim, o Minho é generoso. Braga caiu na graça da humidade e de quando em vez lá chamam à cidade e à sua Sé «o penico de Portugal». Acho a expressão injusta. São inúmeras as vezes que recordo uma Braga quente, abafada, plena de luz, onde o seu tradicional café de saco sabe ainda melhor. A verdade é que a chuva é generosa na terra dos arcebispos. Há um motivo — há sempre —, estar perto do majestoso Gerês confere a Braga estas características de fértil humidade.

Geograficamente, a cidade de Braga está cercada de serras, o que nos remete para o dito penico.

Já agora, do Gerês vale a pena saber que o Parque Nacional da Peneda-Gerês nasceu em 1971 e é o único parque nacional do país, e vale tanto a pena visitar. Para ajudar, há o ar do Atlântico; enfim, motivos que nunca sairão de Braga, a nossa Bracara Augusta, que da fama nunca se livrará: é uma cidade molhada pelos céus.

CASCAIS NUNCA MAIS

A canção *Baía de Cascais*, dos saudosos Delfins, acompanhou uma parte importante da minha vida. Ano 1987, álbum *Libertação*. Conheci primeiro a canção e só depois a baía. Porém, quando se conhece Cascais, quer-se sempre voltar. É um canto morno e arrumado do nosso país no qual sou viciado. Por isso a minha grande surpresa quando, numa feira do livro, abri um velho livro de dizeres e encontrei: «A Cascais, uma vez e nunca mais.» Nessa mesma semana tive de ir a Cascais em trabalho e inquietei-me a perguntar a quem lá vive o que achava da expressão. A verdade é que era mais ou menos conhecida... Um jovem perguntou-me se alguma vez Cascais teria sido feia, para se dizer tal coisa. Pois, que eu saiba, e pelo que li e vi, a beleza sempre assistiu, de modo generoso, a vila de Cascais, a nossa Riviera da nobreza. Palacetes, museus, fortes, capelas, arqueologia e faróis, um encanto indescritível onde não ir é que é grave. Não quero ser guia, mas o que me falta dizer é: porque nunca mais a Cascais?!

Pelos vistos, no século XIX os acessos eram difíceis, mas, mais do que isso, por ser terra de sossego para reis e princesas, endinheirados e nobreza, o povo que lá conseguia ir voltava de bolsos vazios. Acredito. No entanto, o melhor da vila de Cascais, nos dias de hoje, é que para a conhecer, pelo menos a baía, não precisa de gastar um tostão. Leve música, e ouça a música dos Delfins, vai ver que o céu vai fazer ainda mais sentido e a pintura da baía de Cascais vai ser um belo quadro! Para mim, Cascais hoje, sempre e muito mais.

É RESVÉS CAMPO DE OURIQUE

Adoro Lisboa. A nossa capital do império, eterna e formosa, bordada de luz pela poesia e pelo fado. «Resvés Campo de Ourique» é uma expressão que uso muito, porque em televisão é quase tudo à faca, ao segundo, no limite, quase no fim, quase no princípio, quase fora de tempo, quase a tempo, quase a não ser nada e muito perto de ser tudo. Resvés. Há muitos anos, estava eu na Rússia, ao serviço da RTP, num trabalho esgotante e que me exigia concentração milimétrica, e quase não acertava no tempo, na palavra, e lá dizia: foi resvés Campo de Ourique. A minha colega de produção, um doce de lisboeta, explicou-me a história que está por detrás da expressão. Confesso que nem sabia que havia mito e dito na questão.

Aquando do terrível terramoto de Lisboa em 1755, a 1 de novembro, o maremoto ficou mesmo às portas de Campo de Ourique. Segundo se escreve, foi mesmo por um triz, por um resvés. E assim foi. Assim é. Li também que a expressão nasceu com o desenho oitocentista da cidade, em que o traçado dos limites da cidade atravessava Campo de Ourique. Ou seja, Campo de Ourique ficava à justa de Lisboa.

É uma expressão forte, assertiva e divertida. Nunca irei esquecer a circunstância em que ao usá-la fiquei a conhecer o seu berço. Sempre que a Lisboa volto, fico a resvés Campo de Ourique de me apaixonar eternamente!

ABAIXO DE BRAGA

Hoje mandaram-se abaixo de Braga. Tudo bem, lido tranquilamente com isso. Respondi baixinho; na verdade, falei só para mim. Não vale a pena a confusão. Até porque abaixo de Braga não é um sítio ermo, nem muito desmotivante. Haveria um Campo das Hortas, frente ao Arco da Porta Nova. O que acontecia era que todos os dejetos iam parar a esse lugar. Haveria de ser um lugar pouco agradável, mas fértil. Diz-se que haveria um homem, de nome Acácio, de poucas falas, que no seu lugar abaixo de Braga plantava e cultivava as mais verdes e frescas alfaces, e o tomate mais vermelho da região. Coisas da terra, de uma terra bem fertilizada e o quanto baste de malcheirosa. Há sempre uma flor no caminho de pedras, gosto de clichés, que hei de eu fazer! E pronto, mandar abaixo de Braga seria mau. Foi mau para mim, ou, na verdade, nem por isso. Porque o sítio para onde o Acácio foi mandado e lá cultivou os seus belos frescos fez do mal algo maravilhoso. Isto não é de um poder e sabedoria incríveis?

À pessoa que hoje me mandou abaixo de Braga, respondi baixinho: é lá que farei as alfaces que um dia irás comer. Assim será, ou seria, se eu vivesse em Braga. Há sempre uma coisa boa nas fossas da vida! Ou quase...